

CONTEMPORANEIDADE E REFLEXÕES TEÓRICAS CONCERNENTES À PÓS-MODERNIDADE EM GEOGRAFIA¹

Henrique Alves Ferreira Neto²

Nely Tocantins³

RESUMO

No âmbito das discussões de cunho epistemológico, a geografia enquanto ciência ausentou-se e vem sendo alvo de críticas devido a sua ineficácia no que se refere aos embates teóricos. A recente intensificação da globalização, ou globalismo, conduziram alguns intelectuais a sugerir que a geografia estivesse em crise. Embora admitissem que o quadro histórico e epistemológico atual estivesse perpassado por tópicos referentes ao espaço, ao território e às questões geográficas como um todo. O problema é que o significado de um discurso que aponta o fim da geografia desconhece as diversas contradições colocadas pela globalização, inclusive na academia, pois se por um lado a modernidade foi engendrada no seio de uma conjuntura chamada de “ciência nova” o fenômeno pós-moderno nas artes e nas ciências funda um rompimento com as metanarrativas, a metafísica e do mesmo modo com a forma de ver e explicar o mundo referenciada no conceito de totalidade; criou-se um mundo desencaxado e desterritorializado, onde se aboliram as fronteiras nacionais e ou barreiras espaciais, onde o que prevalece são os fluxos pela tecnologia da informação, velocidade dos transportes e atuação das transnacionais.

Palavras-chave: Modernidade. Pós-modernidade. Epistemologia. Espaço.

ABSTRACT

Within the discussions of the epistemological nature geography as science is absent and has been subject to criticism due to its ineffectiveness in relation to theoretical disputes. Recent intensification of globalization, or global, some leading intellectuals to suggest that geography is in crisis. While

1 Contemporaneidade e reflexões teóricas concernentes a pós-modernidade em geografia foi um artigo apresentado à disciplina teorias e métodos em regionalização ministrada pela Prof.^a Dr.^a Tereza Cristina Souza Higa.

2 Henrique Alves Ferreira Neto é graduado em direito, pós-graduado em direito empresarial pela UNIC, mestrando em geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso - área de concentração ambiente e desenvolvimento regional.

3 Bióloga, Prof.^a Dr.^a Departamento de Geografia/ICHS/UFMT.

admitting that the historical and epistemological framework was permeated by current topics relating to space, the geographical territory and the issues as a whole, the problem is that the meaning of a speech that shows the end of geography knows the various contradictions posed by globalization, including in academia, as if one hand was the modernity engendered within an environment called “new science” the post-modern phenomenon in the arts and sciences founded a metanarrativas a break with the metaphysics, the rupture with the way to explain the world view and referenced the concept of totality, is a world created and undocked deterritorialized, which abolished national boundaries or barriers and space, where what prevails is the flow of information by technology, speed and performance of the transport transnational.

Keywords: Modernity. Post-modern. Epistemology. Space.

Introdução

A Geografia em sua breve história enquanto ciência sistematizada nos remete a vários dilemas conceituais que, como ressaltou Gomes (2007), acabam por colocar em questão a sua legitimidade nos aspectos que tangenciam a relevância científica dos conhecimentos por ela produzidos, ante o crivo dos que criticam e que estabelecem uma abordagem severa quando da avaliação destes. Na ciência, a eclosão da Modernidade e a formação de uma ética científica moderna, fundamentada nas discussões metodológicas, é imediata, existindo mesmo uma relação em que se pauta a reciprocidade como elo de ambos os acontecimentos. Portanto, esta fundou a “ciência nova” e necessariamente a ciência passa a ser o espírito daquilo que se intitula Modernidade. Quando se esgotam as ideias que serviam de base para o constituir da modernidade é a ciência que se torna o alvo natural e em virtude disto menciona-se a redefinição de seu papel.

O questionamento da ciência, de seus métodos, de seu poder hegemônico é imediato, propondo-se a refutação do modelo em questão como princípio basilar e/ou condição primeira para superação do moderno e consequente condução ao pós-moderno. Consecutivamente, a geografia é acusada de esvair e estar sempre em atraso no que diz respeito às discussões epistemológicas da contemporaneidade ante ao fenômeno pós-moderno.

Haesbaert (2006) afirma que, o distanciar da ciência geográfica em termos de epistemologia em relação às bases que norteiam o processo de produção do conhecimento, é o grande responsável por imensa maioria de nossa fragilidade no que se refere a uma postura crítica que seja eficaz na transformação epistemológico-científica de fato. Das entranhas da chamada geografia crítica brasileira é que nascem produções que subvertem, morosamente é bem verdade. Esta condição, especificamente no Brasil, foi oriunda dos princípios materialistas ou da dialética materialista passou a exigir um mínimo de cunho filosófico que nos permite compreender suas bases “materialistas” e “dialéticas”.

Este momento pelo qual a evolução epistemológica nos conduz é tido no seio no contexto acadêmico como indicador da “crise da modernidade” que se traduz no âmbito geográfico como “crise” no pensamento geográfico dominante que implica necessariamente em discussão filosófica.

O discurso da Modernidade

A visão sistêmica, a utilização de modelos e a rendição à lógica matemática fizeram com a geografia penetrasse em uma nova fase que implica na passagem da geografia dita clássica para uma geografia tida como moderna; no período pós-guerra esta tendência quantitativista passou a reger as produções das ciências naturais (GOMES, 2007).

A abordagem por “modelização” rapidamente se estende aos estudos referentes aos transportes, aos problemas intra-urbanos, aos sistemas regionais e à cartografia temática. A partir dos anos de 1950, no entanto, a hipótese que se retém é de que a estrutura da “revolução quantitativa” é contemporânea ao movimento próprio da modernidade em função de que esta condição imposta por esta nova abordagem se reporta a dinâmica da modernidade, ao “mito do novo”.

Estabelece-se o auge da modernidade no momento em que, com a técnica espacialmente materializada, as metanarrativas viram realidade empírica e o universal conceitual transforma-se em realidade planetária. Então, tudo passa a ser revolução industrial. E a ética, a arte, a ciência e a economia viraram modos de ser da razão técnica. Momento em que, pelas mãos da técnica, a verdade universal das metanarrativas entra em cada casa da superfície terrestre. Planetariza-se. Dissolve, ali aonde chega, a cultura local e instala a sua. Reculturaliza os lugares no conceito de tempo métrico, de natureza físico-matemática, da lei científica como conceito de valor universal, globalizando os lugares na razão metafísica.

Gomes e Haesbaert (1988) afirmam que a busca por romper com as dualidades de conhecimento torna-se extremamente atual e o refletir a respeito do aspecto racional que teria fundado a “modernidade” (processo histórico que remontaria ao século XVIII, englobando o positivismo e marxismo) e o chamado “irracionalismo pós-moderno”, termos que se controvertem revelam mais novos nomes em detrimentos das inovações filosóficas. Mesmo que a Geografia se mantenha de modo tímido em relação a esse debate, é ele uma das formas mais explícitas que assume a crise ético-social (notadamente epistemológica) contemporânea envolvendo o racionalismo e o empirismo.

Para Haesbaert (2006) modernidade se tornou uma dessas expressões cujos sentidos em multiplicidade incorporados acabam por tornar-se mais confusa. No senso comum, “ser moderno” geralmente tem um significado positivo: partilhar de novidades, a difusão das inovações por intermédio do

uso destas, estar apto às mudanças, acompanhar as transformações. Outras concepções, entretanto, podem utilizar o “moderno” com uma conotação negativa associado a uma condição solúvel e desestabilizadora, sem raízes e alienado do passado. Contudo, quando se considera a linguagem acadêmica dependendo da perspectiva filosófica adotada, o conceito se torna ainda mais complexo; tal fato passa inclusive pelo crivo da análise da geografia crítica que para Soja (1993) ao interrogar o predomínio do historicismo no pensamento crítico, questões relativas ao espaço geográfico passaram a ser observadas não mais como um epifenômeno das sociedades, e sim, parte integrante e essencial de seu desenvolvimento.

Para muitos do meio acadêmico a modernidade é oriunda do processo de racionalização que ocorreu no ocidente, que remonta o fim do século XVIII até em tempos hodiernos, em que implicou a modernização da sociedade e da cultura. Neste momento, entretanto, que, por meio da história do capitalismo, a ideia metafísica do valor universal ganha materialidade e empiricamente se concretiza, fecha seu ciclo e entra em crise a fase da modernidade.

A crise da Modernidade ou Pós-Modernidade

O que se considera pós-moderno diz respeito à ruptura com as meta-narrativas e o rompimento com a forma de ver e explicar o mundo, cuja referência está no conceito de totalidade. O mundo deixa de ser metafísico da unidade, constante, regular, para tornar-se diverso, σ fragmentado, descontínuo, efêmero. Então, uma vez que deixa de ser a totalidade, a razão global, o contexto, tem lugar o intertexto, o entrecruzamento de vários mundos. A ideia de um alguém que pense no mundo como totalidade e nele intervém em termos de totalidade perde sentido, morrendo o sujeito. Junto com o sujeito, morre o projeto da revolução, assim como o projeto da história. E nessa medida, desaparece o mundo como objeto do sujeito. Deixa de existir a relação sujeito-objeto e mesmo a história.

A Pós-Modernidade e a intensificação da globalização conduziram alguns intelectuais a sugerir que a geografia estava em crise. Embora admitissem que o quadro histórico e epistemológico atual estivesse perpassado por tópicos referentes ao espaço, ao território e às questões geográficas como um todo, suas abordagens o levaram à conclusão de que a geografia é insuficiente como ferramenta explicativa de nossos dias. Graças a fenômenos provocados pela tecnologia da informação, velocidade dos transportes e atuação das transnacionais, criou-se um mundo desencaixado e desterritorializado, marcado

por espaços vazios e lugares fantasmagóricos cuja consequência é a abolição das fronteiras e barreiras espaciais. O problema é que o significado de um discurso que aponta o fim da geografia desconhece as diversas contradições colocadas pela globalização e interdita um discurso crítico em torno dela, cujos elementos constitutivos são exatamente o território, as fronteiras e a materialidade do espaço como produtos de relações sociais desiguais.

Independente da existência ou não da Pós-Modernidade, o momento atual é de fertilidade epistemológica. Na esteira da crítica à Razão objetiva, formal e metódica, os limites entre os saberes foram abalados, as ciências nutrem-se mutuamente, conceitos tradicionais estão sendo redefinidos e surgem novas categorias. Isoladamente, tais aspectos pouco representam; porém, em conjunto, apontam para novas necessidades teórico-metodológicas provenientes da dinâmica empírica carregada pela Globalização. Nesse contexto, os geógrafos foram convocados à discussão. Precisaram e, ainda, precisam sair da tranquilidade de sua comunidade para responder às polêmicas e desafios colocados pelo campo científico na aurora do século XXI.

Tais desafios são, pelo menos, de três ordens: empírico, epistemológico e político. Sobre o primeiro, alguém já disse que explicar o Mundo Bipolar, por exemplo, era um pouco mais fácil que a realidade atual. A Nova Ordem Mundial, o ressurgimento dos nacionalismos, as migrações dos países periféricos rumo aos países centrais, a questão ambiental, a qualidade de vida nas grandes cidades e o papel das técnicas na produção do espaço são, entre outros, temas cruciais na agenda da Geografia no século que se inicia. Sobre a epistemologia, a ocasião nunca foi tão frutífera, embora ardilosa: conceitos como territorialidade, desterritorialização e rede, bem como as noções de meio técnico-científico e informacional e de compressão espaço-tempo, revelam uma considerável capacidade de renovação. Ao mesmo tempo, os conceitos de região, território, lugar e espaço passam por uma profunda avaliação, correndo o risco, inclusive, de serem decretados incompatíveis com o tempo presente. Incorporando os anteriores, o desafio terceiro pode ser sintetizado através da seguinte interrogação: qual o significado político do discurso que prega o fim do espaço, das fronteiras e da Geografia como um todo?

Ensaçando alguns tópicos que podem nos auxiliar a responder tal pergunta, recuperemos os argumentos de Giddens (1991). Ainda que útil, a associação Modernidade/Desencaixe é insuficiente para transmitir o enredamento envolvendo o espaço e as relações sociais modernas. “Desencaixe” nos remete à dissociação, corte, desunião. Pensemos na separação campo-cidade ou na

importação/exportação intercontinental de produtos, apenas para citar dois exemplos. Posto dessa maneira, o conceito faz todo sentido. Entretanto, a dialética inerente à modernidade conduz a que todo desencaixe seja, também, um encaixe. Pessoas, mercadorias e informações desterritorializam-se de um lado para reterritorializar-se de outro.

As estradas de ferro dissolvem as ruralidades, mas ao mesmo tempo aproximam pessoas; as redes de comunicação retiram a notícia de seu local de origem, mas simultaneamente as transmitem para todo o mundo; o desenvolvimento dos transportes altera a relação entre as cidades e os lugares, mas igualmente diminui as distâncias territoriais. É verdade que não podemos negligenciar o conceito de reencaixe. Porém, trata-se de mera menção, já que ele simplesmente deixa-o de lado no decorrer do livro. Em seguida, embora a Modernidade *pareça* prescindir do espaço, essa é apenas a aparência de uma manifestação mais profunda. Não quer dizer que ele esvaziou-se, nem tampouco que o lugar seja somente uma “aura”. Os motivos desta interpretação têm duas origens: a primeira liga-se à concepção cartesiano-newtoniana de espaço - base da cartografia moderna -, que o admite como um conjunto de pontos dispostos sob uma superfície lisa e homogênea, onde as “coordenadas geográficas” se restringem ao formalismo matemático das latitudes e longitudes. Representando dessa maneira, tal quadro desemboca, inevitavelmente, no discurso de que o tempo suplantou o espaço.

Este é um sintoma de como a ciência tem dificuldade em romper dicotomias - ao contrário do capital, que, na prática, articula tempo e espaço sem maiores problemas. Fascinado pelas tecnologias de ponta, do mesmo modo sustenta que o tempo diminuiu o espaço. A despeito das incontáveis controvérsias, ninguém conseguiu permanecer imune a dois grandes fenômenos da segunda metade do século XX: a Globalização e a Pós-Modernidade.

Harvey (1992) considera que a mutação das práticas econômicas, culturais, ideológicas e científicas a partir da década de 1970 - particularmente a relação entre a modernidade e “pós-modernidade” e a transição do fordismo para o regime de “acumulação flexível” - impõe, simultaneamente, uma mudança qualitativa em nossas concepções de espaço e de tempo. Entretanto, há que se perguntar acerca de sua natureza.

Se a associação modernidade/tempo e pós-modernidade/espaço sugere uma interessante virada epistemológica - embora possa dar a falsa impressão de que se trata de uma substituição do tempo pelo espaço ou de uma indesejada dicotomia entre ambos - a beneficiar a Geografia, de outro lado, essa mesma virada, potencializada pela Globalização, traz desdobramentos

completamente adversos. No bojo de aspectos como crise do Estado-Nação, constituição de uma sociedade global, financeirização da economia e advento de novas tecnologias, admite-se também a abolição das fronteiras, a virtualização dos espaços e a desterritorialização de pessoas, mercadorias e informações. Igualmente, o território nacional perde importância frente à política ditada pelas multinacionais e seus produtos ubíquos, a parcela da população mundial que tem acesso ao consumo compartilha hábitos, gastronomia, entretenimento e vestuário; e a classe burguesa independe das restrições impostas pelos lugares.

“Pós-Modernismo” é definido por Santos (1986) como nome aplicado as mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades tidas como avançadas desde meados do século XX, quando por convenção acadêmica se finda o modernismo. Nasce com a computação, a Arquitetura, sem que possamos auferir se é evolução ou decadência cultural; ou num sentido mais abrangente, como “condição da cultura na era pós-industrial”, que tem como característica a “incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões aquém de seu tempo e universalizantes”, tem dualidade de raízes na “crise da ciência” e da verdade no final do século XX, Lyotard (*apud* HAESBAERT, 2006, p. 36). O desenvolvimento científico em torno dos sistemas dinâmicos não-lineares, do comportamento caótico, da auto-organização e da geometria fractal vem sendo considerado como característica da ciência na fase da pós-modernidade.

Sendo a globalização econômica a base material da pós-modernidade, indicando a irrupção de uma novidade absoluta no cenário da economia e da política mundiais, para que a ruptura histórica promovida pelo globalismo (ou globalização) é a mesma ruptura epistemológica que abala os quadros sociais e mentais de referência, assim, abalando os significados e as conotações do tempo e espaço, da geografia e história, do passado e presente, da biografia e memória. Sendo assim, a globalização nos induz à pós-modernidade - ou vice-versa - no registro de mudanças profundas e de aceleração do processo de internacionalização (ou mundialização) do capitalismo. Na mesma direção, Milton Santos tem que a globalização “[...] é de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista.” (SANTOS, 2003).

Considerações finais

Encarando os vínculos do pós-modernismo com a globalização, consideramos que o globalismo é problemático e contraditório, pois engendra e dinamiza relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, de integração e fragmentação, tanto que este globalismo provoca tensões, antagonismos, conflitos, revoluções e guerras, ao mesmo tempo em que propicia a criação de movimentos sociais de vários tipos, destinados a recuperar, proteger ou desenvolver as condições de vida e trabalho das mais variadas categorias sociais e minorias, além e por sobre localismos, provincianismos nacionalismos e regionalismos.

As relações entre modernismo e pós-modernismo são ambíguas. O individualismo atual, por exemplo, nasceu com o modernismo, mas o seu exagero narcisista é um acréscimo pós-moderno. O homem de antes, produto da civilização industrial, mobilizava as massas para as amplas lutas políticas; o homem de agora, presente na sociedade pós-industrial, dedica-se às minorias - sexuais, raciais, culturais - e, por isso mesmo, atua apenas no microcosmo do cotidiano.

No campo das ciências, ou na academia, é comum ouvirmos expressões do tipo “crise da modernidade” ou mesmo “pós-modernismo”, que são reflexos dos conflitos emanados do bojo do que se diz global; neste intuito é de suma importância que se leve em conta que a passividade geográfica ante à efervescência epistemológica, calcada nos princípios basilares dos tempos hodiernos, nos coloca em cheque e se faz, portanto, cada vez mais necessária uma maior produção a esse respeito evitando que novamente seja colocada em dúvida a legitimidade da Geografia enquanto ciência.

No âmbito da sociedade o momento vivido no campo das ciências reflete um período inédito onde as transformações advindas da revolução técnico-científica e informacional promovem a interdependência dentre os países que rompem com a sua soberania haja vista que se dá o ápice do neoliberalismo da economia que permite inferir que a ausência do estado (que deixou de ser provedor como no modelo fordista) desencadeou uma exorbitante e desenfreada especulação no mercado financeiro global que se encontra sob a égide da instabilidade dos fluxos cambiais e a vulnerabilidade das economias.

O momento que vive a economia remete à inexorabilidade dos rumos a serem tomados no intuito de implementar medidas profiláticas no âmbito do sistema financeiro, medidas que versam sobre uma perspectiva de um

estado por ora mais intervencionista rompendo a sistemática da economia em suas várias facetas engendradas na história recente, num modelo onde se tem como primazia a ausência da “mão do estado” na economia.

Tendo esta realidade no por vir podemos inferir que o capitalismo passará por mudanças profundas em seu âmago; sendo aqui consideradas as maiores mudanças no sistema financeiro, instituições bancárias, bem como grandes montadoras que terão como subterfúgio os pacotes de salvamento dos governos por ora detentores da tutela da economia e sob a égide do imediatismo a que somos acometidos pelo urgir da problemática em voga, diferente da crise de 1929 onde o mundo viveu a expectativa de soluções bem como as conseqüências por mais de uma década que desencadeou resoluções somente no pós-guerra, haja vista o “New Deal” que tem sido tão abordado como um modelo a ser seguido estimulou de fato a economia, porém os Estados Unidos viveram um forte recessão em 1937 que foi somente superada de fato com a implementação do plano “Marshall”, que em suma teve como principais resultados ao longo da década de 1950 a reestruturação de países devastados pela guerra e afirmação da liderança norte americana como principal expoente do capitalismo.

Harvey (1992) considera que a mutação das práticas econômicas, culturais, ideológicas e científicas a partir da década de 1970 - particularmente a relação entre a Modernidade e “Pós-Modernidade” e a transição do fordismo para o regime de “acumulação flexível” - impõe, simultaneamente, uma mudança qualitativa em nossas concepções de espaço e de tempo. Sendo que a concepção exposta por Harvey evidencia uma corroboração para a existência da nuance mais latente no que se refere aos *subprimes* (hipotecas e financiamentos de alto risco), uma vez que foi a partir da conversão do modelo fordista em flexível (toyotista) que se deu a intensificação da atuação do capital especulativo por intermédio do mercado financeiro onde ganham força as operações financeiras como molas mestras do sistema capitalista hodierno;

Os financiamentos concedidos por instituições bancárias e imobiliárias norte americanas deram maior celeridade a atual crise no sistema financeiro global que trouxe conseqüências inéditas no que se refere ao crédito, que para os padrões atuais de consumo se traduz na espinha dorsal, levando a uma escassez que emperra desde a produção até o consumo no âmbito dos derivativos deste. Os primórdios desta turbulenta situação remete ao findar da década de 1990 quando o governo democrata nos EUA incentivou a redução da burocracia para concessão de empréstimos dando origem a essa maré de

subprimes que ao não serem honradas culminaram com este caos. A contribuição torna-se plausível quando são contempladas no bojo da discussão as premissas do capitalismo, que até o momento anterior a sua fase financeira, tem em seu âmago a mais valia gerada pelo trabalho (do homem, e mesmo das máquinas) de onde é advindo o lucro reinvestido na produção.

Segundo Santos (2003), a financeirização da economia e o advento de novas tecnologias, admite a abolição das fronteiras, a virtualização dos espaços e a desterritorialização de pessoas, mercadorias e informações. Igualmente, o território nacional perde importância frente à política ditada pelas multinacionais e seus produtos ubíquos. No registro de mudanças profundas e de aceleração do processo de internacionalização (ou mundialização) do capitalismo, a parcela da população mundial que tem acesso ao consumo compartilha hábitos, gastronomia, entretenimento e vestuário sendo que a classe burguesa independe das restrições impostas pelos lugares, Haesbaert (2006).

Esta condição de sociedade em rede nos induz a uma pressuposição de que há uma interdependência que implica diretamente em um dos maiores empecilhos à criação de medidas de mitigação dos efeitos da crise. Pois, todo o mundo recebe os impactos de modo que a mola mestra do capitalismo que se traduz no consumo emperra em virtude, em sua maior parte, das más expectativas concebidas no seio da turbulência e disseminadas por mais um dos princípios basilares da economia no século XXI, que são as telecomunicações e, sobretudo, a internet que ao veicularem as informações referentes à crise plantam a desconfiança que diminui o ímpeto do consumo agravando seus efeitos.

Em seu estágio neoliberal e sob a égide da auto-regulação culminou com a exacerbação (entendida aqui como um exagero) dos princípios supracitados uma vez que a economia se pauta na especulação gerando uma situação insustentável do ponto de vista lógico, pois em tempos hodiernos os valores especulados são infinitamente superiores aos valores provenientes da economia real em sua base concreta, ou seja, os lucros obtidos com as operações na instância abstrata da economia geram valores no sistema financeiro que não guardam relação com a economia real sendo, portanto perfeitamente possível inferir que são tênues as facetas atuais da crise que possibilitaram evidenciar a enorme discrepância do Produto Interno Bruto (PIB) mundial da economia real que gira em torno de dezenas de trilhões de dólares para com o montante denominado irreal que supera a casa das centenas de trilhões de dólares.

O panorama apresentando no plano da economia, versada sob a alcunha de um modelo pautado nos fluxos informacionais que determinam a configuração espacial do lugar nesta nova nuance espaço-temporal, instaurada no seio da globalização. Portanto, há que se frisar a importância do “espaço dos fluxos” que instauram um novo modelo de sociedade que tem a economia real regida por ações no âmbito da esfera abstrata da economia.

Contudo, temos então uma sociedade que apresenta as seguintes nuances: está intrinsecamente vinculada à existência das redes que estabelecem a ação de fluxos de ordem diversa que culminam com a criação de novas estruturas denominadas fixos, que por sua vez abrigam produtos que servem aos anseios internacionais em termos de mercado e ao mesmo tempo dá-se a nova realidade de funcionalidade do espaço bem como das edificações contidas neste novo arranjo espacial, arranjo este que remete à implementação de novos processos que necessitam de novas formas.

Referências

- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa; HAESBAERT, Rogério. **O espaço da modernidade**. Terra livre. São Paulo: AGB/Marco Zero, 1988.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 10 ed. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.